

APOLOGIAS DA FÉ? APONTAMENTOS SOBRE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA À LUZ DE UMA FICÇÃO SOMBRIA

APOLOGIES FOR THE FAITH? NOTES ON RELIGIOUS INTOLERANCE IN THE LIGHT OF A DARK FICTION

¿DISCULPAS DE LA FE? APUNTES SOBRE LA INTOLERANCIA RELIGIOSA A LA LUZ DE UNA FICCIÓN OSCURA

ROBÉRIA NÁDIA ARAÚJO NASCIMENTO¹

Submissão: 02/08/2022

Aprovação: 08/08/2022

Publicação: 14/12/2022

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Associada da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professora e Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB).

Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-1806-0138> E-mail: rnadia81@gmail.com

RESUMO

Na trilha epistemológica dos Estudos Culturais (HALL, 2004; 2016) uma ficção do gênero terror torna-se eixo para compreensão e análise da concepção de intolerância religiosa. Trata-se da minissérie americana *Midnight Mass* (Missa da Meia-Noite) cujas condições de representação, apropriação, intencionalidades e disputas simbólicas aproximam o imaginário popular e os arquétipos religiosos permitindo reflexões sobre preconceitos, estigmas e tensionamentos que afetam as crenças minoritárias no nosso país, especialmente as de matrizes africanas. A partir dessa problematização, o raciocínio empreendido busca corroborar o extraordinário poder que as histórias inventadas para a TV adquirem na construção de verossimilhança como fontes imersivas de intertextualidades, pluralidade de vozes e produção de sentidos (BULHÕES, 2009). As conexões subjacentes ao arco narrativo, suscitadas pela análise temática, apontam que as intolerâncias religiosas num país plural, objetivadas no espaço das culturas, provocam violências que ameaçam o processo civilizatório.

Palavras-chave: Missa da Meia-Noite. Ficção seriada. Gênero terror. Intolerância religiosa.

ABSTRACT

In the epistemological trail of Cultural Studies (HALL, 2004; 2016) a fiction of the horror genre becomes the axis for understanding and analyzing the concept of religious intolerance. It is the american miniseries *Midnight Mass* whose conditions of representation, appropriation, intentions and symbolic disputes bring together the popular imagination and religious archetypes, allowing reflections on prejudices, stigmas and tensions that affect minority beliefs in our country, especially those of African origins. From this problematization, the reasoning undertaken seeks to corroborate the extraordinary power that stories “invented” for TV acquire in the construction of verisimilitude as immersive sources of intertextuality, plurality of voices and production of meanings (BULHÕES, 2009). The connections underlying the narrative arc, raised by the thematic analysis, point out that religious intolerance in a plural country, objectified in the space of cultures, provoke violence that threatens the civilizing process.

Keywords: *Midnight Mass*. Serial fiction. Horror genre. Religious intolerance.

RESUMEN

En la estela epistemológica de los Estudios Culturales (HALL, 2004; 2016) una ficción del género de terror se convierte en eje para la comprensión y análisis de la concepción de la intolerancia religiosa. Se trata de la miniserie estadounidense *Midnight Mass*, cuyas condiciones de representación, apropiación, intencionalidades y disputas simbólicas reúnen el imaginario popular y los arquetipos religiosos permitiendo reflexionar sobre los prejuicios, estigmas y tensiones que afectan a las creencias minoritarias en nuestro país, especialmente las de origen africano. A partir de esta problematización, el razonamiento realizado busca corroborar el extraordinario poder que adquieren los relatos inventados para la televisión en la construcción de la verosimilitud como fuentes inmersivas de intertextualidades, pluralidad de voces y producción de significados (BULHÕES, 2009). Las conexiones que subyacen al arco narrativo, planteadas por el análisis temática, apuntan que la intolerancia religiosa en un país plural, objetivada en el espacio de las culturas, provoca violencias que amenazan el proceso civilizatorio.

Palabras-clave: Misa del gallo. Ficción serial. Género de terror. Intolerancia religiosa.

INTRODUÇÃO

Missa da Meia-Noite¹ hibridiza o mistério e o sobrenatural como artifícios catárticos², dimensionando a violência física e simbólica de uma premissa religiosa com seus extremismos, ao tangenciar a superioridade do cristianismo sobre outras crenças. Tal contexto, que põe em perspectiva os perigos do fanatismo, conduziu uma pesquisa acadêmica, cujos movimentos privilegiaram os impactos das posturas preconceituosas sobre as crenças de matriz africana, estigmatizadas como “inferiores” na sociedade brasileira. A primeira incursão metodológica consistiu na análise dos episódios; no segundo momento, entrevistas com discípulos das denominações religiosas configuram a fase empírica do estudo. Sem perder de vista o horizonte das culturas, investimos numa interpretação reflexiva que cruza o referencial teórico-analítico com as interlocuções de campo.

Os Estudos Culturais (HALL, 2016) pensam a cultura em face do seu caráter polissêmico. Segundo essa proposta, as representações da sociedade forjam a circulação dos produtos comunicativos, enquanto instrumentos de interações coletivas que, por sua vez, aglutinam múltiplos discursos e intencionalidades. Nesse fio condutor, as expressões culturais carregam diversos imbricamentos histórico-ontológicos. Isso torna a ficção audiovisual não um mero “entretenimento”, mas uma das manifestações humanas capazes de refletir sociabilidades, tensões, inteligibilidades e os modos de sentir dos indivíduos.

Um breve panorama do país registra atrocidades e discriminações religiosas que costumam ser naturalizadas em nome de Deus, uma vez que as religiões se entrelaçam às práticas culturais. Algumas religiosidades tendem a ser invisibilizadas e marginalizadas, caso das matrizes afro-brasileiras. À luz dessa premissa, visamos ressaltar, sobretudo, os

¹ Produção da Netflix lançada em 24 de setembro de 2021, desenvolvida por Mike Flanagan.

² Catarse designa, segundo Aristóteles, os efeitos das tragédias, especialmente no que se refere à compaixão e a dor (MOTTA, 2013).

preconceitos e as violências (nem sempre simbólicas) que permeiam as cosmologias e os seus seguidores.

Formuladas tais considerações, articulamos uma exploração conceitual da intolerância com o suporte da Análise Temática (MOTTA, 2013) dos *sete* episódios de Missa da Meia-Noite. Os títulos da produção já sinalizam inspirações bíblicas: Livro I: Gênesis, Livro II: Salmos, Livro III: Provérbios, Livro IV: Lamentações, Livro V: Os Evangelhos, Livro VI: Atos dos Apóstolos e Livro VII: Apocalipse, nos quais os arcos dramáticos se sustentam. Em síntese, o primeiro episódio opera uma analogia à criação do mundo, no sentido de fonte de vida, nascimento e origem, trazendo a noção do pecado e do sofrimento humano como castigos de uma vida terrena sem obediência aos preceitos divinos: o mesmo Ser que criou o mundo “exerce a justiça que castiga os ímpios e abençoa os justos”. A chegada do novo sacerdote como preâmbulo da narrativa representa, portanto, o “princípio da justiça” acionado pela mão divina.

O clímax da narrativa, denominado não por acaso de “Apocalipse”, retrata as profecias cristãs. Remete ao último livro do Novo Testamento, de autoria do apóstolo João, o “João de Patmos” (numa alusão à ilha onde foi escrito o texto). Verificando o simbolismo da ambiência, constatamos que a minissérie também se passa numa ilha isolada onde ocorrem eventos misteriosos. Nessa configuração, há reprodução da ideia de que o final dos tempos decorre das sombras do pecado, mediante visões caóticas, trágicas e sucessivas de uma luta entre Deus, os pecadores terrestres e o diabo. O Apocalipse denota o arrebatamento da Igreja, pois a Bíblia (I Tessalonicenses 4:3-18 e 1 Coríntios 15:51-52) afirma que quem recebeu Jesus como seu salvador será elevado até o céu, onde encontrará Deus.

Com efeito, a Análise Narrativa (MOTTA, 2013) possibilitou demarcar as circunstâncias enunciativas para descortinar os objetos discursivos. Além de aproximar as leituras heurísticas e hermenêuticas, elegemos o ponto focal de análise *pragmática*. Sob esse prisma, o estudo da narrativa ficcional extrapola os limites de sua composição interna para

reconhecimento dos atos comunicativos do cotidiano social. Traçamos, desse modo, uma correspondência com a sociodiversidade brasileira que alimentou o movimento *compreensivo* da narrativa. Com apoio epistemológico dos Estudos Culturais (HALL, 2004; 2016) o empreendimento foi assim definido:

- 1- Descrição da trama e de seus personagens a partir do Plano da História³;
- 2- Rastreamento da intolerância religiosa via mediação dos acontecimentos retratados;
- 3- Identificação dos estigmas, arquétipos e simbologias do imaginário religioso (DURAND, 2002);
- 4- Observação das ambiências ficcionais no que tange ao fanatismo religioso e às apropriações dos mitos cristãos;
- 5- Construção de parâmetros comparativos sobre a marginalização das religiões de origem africana;
- 6- Realização de entrevistas com membros das comunidades religiosas (Candomblé ou Umbanda)⁴.

As representações (HALL, 2016) da minissérie foram tomadas como dispositivos de compreensão do campo religioso, uma vez que as produções ficcionais incitam a racionalidade do mundo real pelo ganho simbólico de verossimilhança (JOST, 2012). Tal pensamento instiga olhares sobre o nosso redor e as diferentes camadas que revestem os fenômenos sociais, de maneira a atribuir sentidos às narrativas da ficção. Ler as entrelinhas envolve a percepção das experiências de convívio coletivo. À luz dessa racionalidade, o

³ Referência aos mecanismos diegéticos. O Plano da História notabiliza as conexões entre os episódios, os fios discursivos, os papéis dos protagonistas e antagonistas, os conflitos parciais ou secundários, as situações comunicativas do feixe de relações culturais.

⁴ O movimento metodológico de identificação dos lugares sagrados (terreiros) e da seleção de discípulos buscou aprofundar a discussão das intolerâncias submetendo a lógica narrativa a uma análise empírica.

estudo de Missa da Meia-Noite partiu da hipótese de que a intertextualidade (BULHÕES, 2009) acerca da intolerância religiosa subjaz quando o cristianismo é defendido como único caminho para a “salvação” da humanidade. Numa visão unilateral, as diferenças que orbitam na pluralidade do mundo são desconsideradas. Do exposto, temos a impressão de que as intolerâncias nascem de pensamentos retrógrados que potencializam atos compulsivos e primitivos, extremismos e eclosão de guerras. Desse modo, nosso propósito é explorar indícios de fundamentalismos, presentes na construção dos personagens, pois isso parece criar condições reflexivas sobre os processos excludentes sofridos pelas crenças minoritárias no Brasil e afetadas pelas intolerâncias.

Torna-se apropriado esclarecer que qualquer técnica hermenêutica precisa encontrar um caminho de associação entre as estruturas sociais e as cognitivas na busca de uma potência explicativa mais ampla para o contexto observado. Ou seja, “tentar construir um conhecimento sistemático a respeito das relações históricas que configuram as tramas ficcionais. Portanto, o sentido é *coconstruído*” (MOTTA, 2013, p. 23). Nessa *coconstrução*, os cruzamentos entre teoria e empiria dialogam com as opressões vividas pelas religiosidades africanas e seus discípulos. O trabalho de campo agregou as comunidades de santo, entre líderes e seguidores, a fim de rastrear situações que têm marcado os seus pertencimentos. Em linhas gerais, os dados alusivos à essas interlocuções, que serão discutidos em outro momento, sinalizam a escuta sobre as sensibilidades e subjetividades dos que fazem as vertentes afro-brasileiras e as mantêm vivas.

É pertinente entender, sobretudo, que os aportes metodológicos delimitados contribuíram à percepção da invisibilidade dessas tradições, julgadas como “coisas de negros”, embora a liberdade religiosa de um Estado laico lhes assegure as liturgias e sua ancestralidade influencie a agenda contemporânea dos ativismos negros e das demandas de políticas públicas de promoção da igualdade racial (PRANDI, 2005). Assim, é com perplexidade e indignação que notamos a negação e o silenciamento, pois a cultura religiosa

africana deveria ser reconhecida na construção da sociedade brasileira e na formação da identidade negra, já que, no passado, os afrodescendentes fizeram dos seus templos religiosos espaços de resistência cultural e de intervenção política na escrita de suas histórias. Ou seja, um racismo “difuso” continua atrelando a intolerância religiosa à problemática étnicorracial.

Resumidamente, os diálogos com os participantes mostraram que o espectro das intolerâncias religiosas permeia o ambiente familiar, profissional e escolar, nos quais os insultos de “macumbeiros” são agressões recorrentes. Os locais de cultos já foram alvos de violência, ainda que sejam sagrados para a preservação de memórias e tradições da mística religiosa. Um dos terreiros, situado na periferia de Campina Grande, PB, foi vandalizado por pedradas no ano passado; e dois anos antes, foi atingido por fogos de artifício, arremessados por moradores vizinhos que, além de assustar os adeptos, desejavam provocar um incêndio. As entrevistas enriqueceram as leituras da narrativa com novas pistas, fazendo-nos enxergar o mal das intolerâncias enquanto acontecimentos “sagrados-concretos” (MARQUES, 2018): que não se desvinculam da força real que os habita em meio às diferenças socioculturais e religiosas. Nos planos em destaque, “os significados da narrativa emergem como elementos demarcadores do que é *consensual* e do que é *desviantes* no mundo da vida” (MOTTA, 2013, p. 14).

UMA ATMOSFERA SOMBRIA: ENTRE O MISTÉRIO E O SUSPENSE

Quando acessamos a rica genealogia estética e discursiva do gênero horror, na visão de H.P. Lovecraft (1987), emerge o pressuposto de que “a emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido” (LOVECRAFT, 1987, p.10). No título da produção americana, a hora final do dia, ou a meia-noite, aparece enquanto código do imaginário místico de muitas crenças. O simbolismo a vincula como traiçoeira, demoníaca e perigosa: “É a hora dos pactos, das oferendas, em que

os animais maléficos e os monstros infernais se apossam dos corpos e das almas” (DURAND, 2002, p. 73).

Sob esses eixos, marcadores de boas intenções dos personagens em torno de um Deus punitivo reforçam o imaginário cristão e a aceitação de pessoas. Quem merece o Paraíso? Como se dará o julgamento divino? Qual a recompensa dos justos? Que concepção de justiça é apresentada? Caberia perguntar, também, qual a lógica pretendida quando artifícios de fé revelam estratégias mitológicas de controle religioso. Tais subjetividades alicerçam o imaginário narrativo e, a partir delas, avançamos rumo à profundidade das análises.

A trama se desenrola com a figura misteriosa de um sacerdote, o Padre Paul (Hamish Linklater), que chega à Ilha de Crockett, em substituição ao idoso monsenhor da paróquia local. Embora seja recebido com surpresa, a postura persuasiva e carismática do religioso desperta a atenção do pacato grupo local, composto por 127 habitantes. O retorno de Riley Flynn (Zach Gilford) acontece no mesmo período, motivado por uma tragédia do passado que o tornou ateu. O que levaria um ex-coroinha a questionar os dogmas católicos que amparam os seus valores familiares? Emergem angústias, renúncias e descobertas, enquanto a atmosfera de terror vai se anunciando, através de fatos estranhos entendidos pela população como “profecias”.

Nexos de sentidos nos permitiram “ler” as enunciações e suas significativas inferências. Os eventos passam a se suceder, afetando os personagens em suas idiossincrasias, entrelaçando-se como possíveis consequências de comportamentos “desviantes”. Nesse processo, a Igreja vai firmando suas raízes como *locus* de resolução ou resignação de conflitos para os que “aceitam Jesus”. Na defesa dessa lógica, há uma beata arrogante, Bev Keane (Samantha Sloyan), cujo talento para a fofoca é travestido de zelo pela moral e bons costumes da comunidade. Antagonistas do gênero costumam agir por hipocrisias e crueldades. Nessa ótica, chamam atenção para os estereótipos e estigmas (GOFFMAN, 2004) do imaginário popular, ao mesmo tempo em que reproduzem

personagens verídicas, cujos desatinos resultam do “poder” de mitos ou concepções religiosas. Personagens assim sugerem encarnar a perfeição: se são pessoas tementes a Deus, seus atos contra os pecadores têm respaldo sagrado e não são discutíveis. As beatas são supostas portadoras de uma “missão divina”, ecoando a voz de Deus e dos sacerdotes, tanto nos ambientes religiosos, quanto para além deles. Ao apresentar figuras visionárias e “donas de verdades”, a minissérie nos transporta para o perigo das ideias hegemônicas que se escondem no misticismo de falsos profetas em disseminações de radicalismos religiosos.

Por outro lado, a professora Erin Greene (Kate Siegel) é uma mulher pacata, conciliadora e sonhadora, que luta para superar suas próprias frustrações. Cresceu ao lado de Riley e busca refúgio na fé por não ter se tornado uma atriz famosa. Os dois se aproximam num relacionamento conturbado, e passam a dividir ambivalências similares aos (des)encontros das vidas de todos nós.

O xerife Hassan, interpretado por Rahul kholi, mostra o lado humanitário da solidariedade. Viúvo, mora na ilha com o filho adolescente Ali (Rahul Abburi). Ambos são mulçumanos, e sofrem preconceito dos católicos sob a suspeita de associação ao terrorismo. Ironia manter a ordem local quando se vive uma desordem interior como o personagem. A islamofobia, aliás, é outra importante reflexão de natureza religiosa suscitada pela minissérie. O conceito significa a aversão e o ódio praticados contra membros do islamismo, ou que possuem origem étnica relacionada a esse universo.

Já a personagem de Sarah Gunning (Annabeth Gish) abandonou sua fé não por razões religiosas, mas por rejeição homofóbica. Ela é a única médica da região e cuida sozinha da mãe, Mildred (Alex Essoe), uma idosa acometida pelos efeitos acelerados e degenerativos do Alzheimer. Todavia, a narrativa nos surpreende com uma inexplicável melhora da paciente, que vai rejuvenescendo a cada dia com um tratamento espiritual do misterioso padre, cuja composição e posologia são desconhecidas. O caso misterioso é, então, interpretado como um “chamado” divino para os compromissos da fé. Por esses elementos, heróis e anti-heróis

pontuam Missa da Meia-Noite, através de personagens multifacetados que contam histórias polissêmicas.

Os membros da igreja local se apropriam do discurso da fé, no qual a noção de pecado é fundante. A igreja matriz tem protagonismo na vida comunitária, e os sacerdotes orientam as famílias, acompanhando gerações, e não apenas devido aos aconselhamentos espirituais: laços de afetividade e de vigilância moral são construídos e legitimados nessas alianças, nas quais as intervenções nos âmbitos privados se confundem com o próprio ministério religioso. O padrão de justiça é mantido sob o aval das paráfrases bíblicas e/ou prescrição de normas. As credices e superstições ditam os comportamentos, prevendo o que é certo ou errado para a vida coletiva, onde nada passa despercebido do radar dos sacerdotes.

Assim, a religião vai se entrelaçando ao sobrenatural como mecanismo de controle: “Todas as condições da vida selvagem primitiva levavam tão fortemente à impressão do sobrenatural que não é de admirar o quão completamente a essência hereditária do homem veio a saturar-se de religião e de superstição” (LOVECRAFT, 1987, p. 11).

Nogueira (2010) admite que esses fluxos reproduzem utopias e distopias, medos e quimeras, paraísos e apocalipses, criação e destruição. No viés ficcional, monstros e heróis acentuam expiações, ao mesmo tempo em que as “afirmações religiosas” corroboram a dicotomia entre o bem e o mal. Durante séculos, a religião ou a magia foram sinônimos de poder; dominaram tanto os valores familiares como os discursos de previsão do mundo. A ficção reverbera o fio da história, já que, desde a caça às bruxas, as crenças diferentes foram acusadas de “malignas”: “Daí que se compreenda a forma como a magia e a religião surgem constantemente como *motivo* e como *contexto* das narrativas ficcionais” (NOGUEIRA, 2010, p. 27).

Magalhães et al (2012) discorrem que os relatos místicos apontam as façanhas e o poder do mal junto a humanidade, aproximando o sobrenatural e o demoníaco como estruturas constantemente retomadas, reescritas, ampliadas ou reinventadas pela criatividade

popular. O medo origina as lendas do mundo profano: um espaço arquetípico de trevas e seres, no qual os poderes surreais de entidades ou monstros punem as tentações terrenas. Por isso, no dizer de Marques (2018), “entre o suposto vão que separa os domínios do Sagrado e do Profano há uma série de mediações e agenciamentos que envolvem pessoas, lugares, deuses e coisas” (MARQUES, 2018, p. 222).

A FICÇÃO PLASMA O IMAGINÁRIO: DIMENSÕES DE SENTIDOS DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Quantos tipos semelhantes aos personagens de Missa da Meia-Noite permeiam o espaço público brasileiro? Embora os ambientes simbólicos sejam completamente diferentes, é inegável o fato de que a intolerância está entre nós, e se faz imperativo pensar sobre seus efeitos para além dos contornos ficcionais. Na conceituação de Durand (2002), o imaginário é a faculdade que possibilita as identificações culturais através de arquétipos, alegorias e analogias. Nesse plano, a intolerância é representada pela cristalização de comportamentos preconceituosos como norma hegemônica. Na verdade, o texto e a estética do gênero ficcional refletem o plano de sentidos das vivências espectorais e seus repertórios em paráfrases da vida real.

Ou seja, o que se passa na tela tende a recriar o *já visto* acrescido pelos recursos da fantasia ou das licenças poéticas. Na construção narrativa, é a sensorialidade presumida que faz a trama acontecer, tanto no viés representativo, quanto no emocional-imagético: não importa apenas *o que* está sendo contado, mas *como* está sendo contado, uma vez que as inferências da realidade são encaminhadas pelo arco dramático. A ambiência de Missa da Meia-Noite retrata um vilarejo esquecido, parecido com muitos que conhecemos, no qual a vida se arrasta com poucas expectativas de mudança. Quem nunca soube de um lugar assim, e que nos desperta memórias marcantes? Concordamos com Martín-Barbero (2014; 2017) que os produtos de ficção *não* prescindem das mediações culturais, e essas materializam a

circulação, apropriação e interação de múltiplos sentidos. Por esse mecanismo a ficção ratifica o mundo cultural em sua diversidade, ao mesmo tempo em que “radiografa” as identidades fragmentadas e as problemáticas delas decorrentes (HALL, 2004; 2016).

Intolerâncias são circunstâncias que advêm de fronteiras e reações étnicas ou nacionalistas extremas, dos embates entre regionalismos e mestiçagens, ou do aparecimento de separatismos radicais. A partir dessa problematização, Bucci (2020) equipara o conceito à tragédia do “não diálogo”. Reitera Schiavo (2008) que tal incomunicação denota ideias extremistas: “Por trás de qualquer fundamentalismo existe o anseio pela pureza racial, o nacionalismo étnico, a ortodoxia religiosa e as identidades culturais homogêneas” (SCHIAVO, 2008, p. 175). Então, a narrativa historiográfica nos mostra que a cor da pele não apenas explica a exploração da liberdade do povo negro, como também é um fator de exclusão religiosa (OLIVEIRA, 2011).

No raciocínio de Sodré (2017), percebemos por que a imposição do cristianismo silenciou as manifestações dos descendentes africanos e sufocou sua dignidade:

A liturgia dos africanos e de seus descendentes prestou-se a objeto de ciência (antropológica, sociológica, psiquiátrica, psicanalítica) no panorama dos estudos brasileiros. Nenhum deles deu a palavra ao negro. Este, na Modernidade assim como na antiguidade europeia, sempre foi tido como *aneu logon*, isto é, sem voz. Como várias outras formas de conhecimento submetidas ao colonialismo ocidental, o saber ético e cosmológico dos africanos sempre experimentou o silêncio imposto pela linguagem hegemônica (SODRÉ, 2017, p. 7).

É oportuno pensar, em sintonia com Oliveira (2011), que a discriminação dos negros se intercambia à sua religiosidade ancestral na sombra da colonialidade, tornando o discurso da livre mestiçagem uma “democracia racial falaciosa”. Assim, a religiosidade negra atesta a capacidade de resiliência dos povos originários frente a um racismo epistêmico. No plano das culturas, a estigmatização gera o individualismo e o absolutismo de pensamentos, que causam a invisibilidade do outro, visto como portador de uma “identidade deteriorada” (GOFFMAN, 2004).

Vertentes advindas de muitas cosmologias, por seus rituais e sincretismos, são práticas desacreditadas, ignoradas como atraso e superstição. Por isso, apesar da passagem

dos séculos, o povo de terreiro continua invisibilizado, exposto à violência da polícia, preso e violentado em seus corpos e lugares sagrados. Em linhas gerais, o bojo da repressão reflete o silenciamento e o medo que se tem da cultura negra (OLIVEIRA, 2011). Consequentemente, o lugar ocupado pela intolerância religiosa não prescinde do racismo que afeta a condição humana inviabilizando os diálogos com as diferenças.

Skliar (2006) concorda que o conceito de intolerância esconde um racismo sutil, expresso através de verbos considerados democráticos como “respeitar, aceitar, tolerar, reconhecer”: quando se tolera algo, não há alteridade: “Quanto mais fragmentada se apresenta a vida social, mais ressoa o discurso da tolerância [e do respeito]” (SKLIAR, 2006). Para Silva (2019), a discussão envolve a noção de pecado e do mal presente nas religiões monoteístas. Mas, no viés do politeísmo afro-brasileiro, não há antagonismos sobre a definição do bem. Como bem lembra Skliar (2006), o problema é a posição de superioridade com relação ao outro, como se esse, por sua vez, dependesse “de quem o aceite”, quando todos somos, em certa medida, uma parte de outros.

Silva (2007) discute ainda, com propriedade, os ataques que grupos religiosos neopentecostais, notadamente da Igreja Universal do Reino de Deus, vêm realizando contra os cultos e adeptos das religiões afro-brasileiras. Algumas igrejas são contrárias até às práticas de capoeira, produção ou audição de música percussiva (com atabaques), e à participação em grupos de origem africana, como escolas de samba, proibindo até a ingestão de alimentos que remetam ao panteão dos orixás.

Nos apontamentos de Marques (2018), há a sugestão de se atentar à forma como pessoas, deuses e coisas emergem mutuamente em suas relações sociais, sem reduzir práticas de fé diferentes a “curiosidades primitivas”. Tal empreendimento minimiza intolerâncias por uma premissa de respeito e empatia que interprete o que as pessoas das religiões africanas “dizem e fazem” para que suas vozes sejam ouvidas.

CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Seguindo as pistas de Jost (2012), a dinâmica de leitura ficcional plasma uma “universidade antropológica” que visibiliza dramas socioculturais. Numa imersão espectral (e num trocadilho), a trajetória da pesquisa defendeu a possibilidade de uma dramaturgia de terror se *converter* num *locus* promissor para a ressonância de retóricas da fé e fronteiras de crenças, pela mediação de códigos de endereçamentos discursivos que situam a religião como prerrogativa de sentenças morais. Por extensão, os fundamentalismos dos personagens e suas intencionalidades simbólicas propiciam a criticidade sobre as intolerâncias. Nas representações subjacentes ao arco narrativo, indicadas pelos critérios da análise temática (MOTTA, 2013), sobressai o entendimento de que os radicalismos religiosos afetam os indivíduos por segregações e violências ao processo civilizatório, especialmente num país plural como o Brasil, no qual a laicidade também adquire contornos de faz-de-conta em face dos conflitos de teor religioso. Noutras palavras, a noção de democracia religiosa oscila entre as retóricas e as hegemonias cristãs do espaço público que relegam as matrizes africanas a um plano subalterno condizente à herança de um passado histórico escravocrata. A partir da compreensão desse passado obscuro é que poderemos mudar a configuração do futuro.

No plano diegético de *Missa da Meia-Noite*, as visões hegemônicas e controversas do cristianismo se imbricam aos artifícios do gênero de terror. Contudo, a ironia parece residir no fato de que os enquadramentos de cunho sagrado fomentam fanatismos que “aterrorizam” as singularidades de pessoas, ideias e crenças, impactando diretamente suas sociabilidades e pertencimentos. Injúrias raciais e xingamentos homofóbicos também agridem as comunidades de santo no cotidiano do país. Por isso, a ficção foi importante chave de leituras para a identificação dos mecanismos sombrios que fomentam os preconceitos e os radicalismos religiosos.

Considerando o escopo referido e a complexa disputa de significados que apresenta, no que tange à liberdade religiosa e suas interfaces, a minissérie nos encaminha para as

subjetividades das afroreligiões, afetadas por embates históricos decorrentes de pensamentos eurocêntricos e heteronormativos. Os operadores de análise permitiram entender que a polaridade evidenciada impede a promoção da paz, à medida que as intolerâncias são justificadas por pseudos orientações “divinas”, frutos de racionalidades ou “revelações” distorcidas, numa suposta guerra entre o bem e o mal, embora o bem *não* se arme.

Para além da ficção, a inferioridade atribuída ao povo negro o classifica como um “povo pobre, supersticioso, ligado à macumba e suas magias” (OLIVEIRA, 2011, p. 46). Contudo, suas práticas são religiões universais, e não propriedades de grupos étnicos determinados. Qualquer proposta de classificação representa um marcador de intolerância que contradiz a diversidade cultural brasileira.

Outra conexão com a intolerância, a partir de Missa da Meia-Noite, concerne à superioridade do povo cristão em relação ao grupo islâmico. O islã supõe uma filosofia de caráter holístico, não redutor e fragmentado, que cruza o sagrado e o político no texto do Alcorão. Dessa forma, interpretações errôneas ou literais de suas mensagens podem suscitar fanatismos e manifestações terroristas travestidas de ações “sagradas”. O povo de terreiro é temido por “feitiçarias”, e por não integrar uma crença monoteísta. De um lado e de outro, a falta de filtros cognitivos pode gerar graves consequências. Dito de outro modo, a ignorância acerca de Deus, enquanto uma variável ontológica nessas crenças, instiga controvérsias e tensões no espaço público.

A crença afrodescendente também é questionada pela falta de uma estrutura letrada. Por razões geracionais intrínsecas, resultantes da tradição oral, os saberes dos filhos de santo não estão impressos em livros, uma vez que reverberam ecos de uma cultura humanista. Entretanto, é oportuno assinalar que as casas religiosas são também espaços abertos a intelectuais e detentores de títulos acadêmicos. De ascendência católica, um dos sacerdotes entrevistados na pesquisa é pós-graduado em Antropologia para, nas suas palavras, “melhor

compreender o território religioso e suas especificidades, pois não é fácil pertencer a uma religião oriunda de escravizados”.

No cotidiano social, as cosmologias são testadas, em nível de resiliência, ressurgindo como a fênix⁵. Embora Prandi (2005) traga a contrapartida de uma “africanização”, que tentaria preservar uma África ritual e mítica que nos habita, as intolerâncias alcançam, até mesmo, algumas divindades, caso do orixá Exu, equivalência do diabo na ótica cristã. Então, as (re)existências das crenças de matriz africana reinventam a luta pelo sagrado, opondo-se à negação histórica do povo negro.

Como ocorre em Missa da Meia-Noite, a “prática do mal” tende a ser uma prerrogativa da fé alheia, do *outro* que nos é estranho. Em consonância com Silva (2019), a religião é uma das formas de ver o mundo e que nos fornece matrizes para a sua construção. Metaforicamente, o autor propõe que a cultura religiosa de natureza africana se encontra, no Brasil de hoje, numa *encruzilhada* entre a valorização e a rejeição, entre o enaltecimento e a discriminação. Porém, todos os caminhos humanos passam por uma encruzilhada, e é nela que as continuidades e as mudanças sociais se processam. Façamos, pois, nossas travessias e pontes.

REFERÊNCIAS

BUCCI, Eugênio. A intolerância ou a tragédia do não diálogo. In: INCERTI, Fabiano; CANDIDO, Douglas Borges (Orgs). **Olhares sobre o mundo: lições do café filosófico** do Instituto Ciência e Fé PUCPR. Curitiba: PUCPRESS, 2020.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2004.

⁵ Na mitologia grega significa uma ave de muita força que renasce das próprias cinzas.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- _____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Sulina, 2012.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural na literatura**. (Trad.) LINKE, João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1987.
- MAGALHÃES, Antonio Carlos. et al. (Orgs). **O demoníaco na literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.
- MARQUES, Lucas. **Fazendo orixás: sobre o modo de existência das coisas no candomblé**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 38(2): 221-243, 2018.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **Dos Meios à Mídiação**. Um Conceito em Evolução. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2017.
- MIDNIGHT MASS (**MISSA DA MEIA-NOITE**)- Produção de Mike Flanagan. Estados Unidos: Netflix. 2021.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.
- NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II: gêneros cinematográficos**. Covilhã: LabCom Books, 2010.
- OLIVEIRA, Irene Dias de. Religiões afro-brasileiras e etnicidade: novas sensibilidades num mundo multicultural. In: OLIVEIRA, Irene Dias de; REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, Sandra Duarte de. (Orgs). **Religião, transformações culturais e globalização**. Goiânia: PUC, 2011.
- PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SCHIAVO, Luigi. Síntese e perspectivas. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (Orgs). **O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SKLIAR, Carlos (Org.). Abordagens sócio-antropológicas em educação especial. In: CECCIM, Ricardo Burg, LULKIN, Sérgio Andrés, BEYER, Hugo Otto, LOPES, Maura Corcini. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da et al. **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Exu: o guardião da casa do futuro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. Apologias da fé? Apontamentos sobre intolerância religiosa à luz de uma ficção sombria. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 16, pp. 266-283, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2022v16n.63905>.